

ZELLE

WENN ES DUNKEL WIRD

Jamie Man



GULBENKIAN
MÚSICA

20 set 22

20 set 22 TERÇA 20:00

GRANDE AUDITÓRIO

Jamie Man Composição e Direção

Peter Stamm Texto

Steve Katona Contratenor

Ryoko Aoki Nô

Olesya Zdorovetska Canto gutural

Asko|Schönberg Execução musical

Wiek Hijmans Guitarra elétrica

Joey Marijs Percussão

Tatiana Rosa Eletrônica

Ezra Veldhuis Desenho de luz e Cenografia

Tomas Serrien Dramaturgia

Fredrik Tjaerandsen Figurinos e insufláveis

Brecht Beuselinck Desenho de som

Johannes Ringoot Luzes

Liesbet Termont Direção de Produção

ZELLE

WENN ES DUNKEL WIRD

(A cela / Quando escurece)

PRODUÇÃO LOD *muziektheater* (BE)

COPRODUÇÃO Theater-und Musikgesellschaft Zug (CH), deSingel (BE),
Asko|Schönberg (NL), Palau de les Arts Reine Sofia (ES), DeMunt Brussels (BE),
Festival d'Aix-en-Provence (FR), Fundação Calouste Gulbenkian (PT)

APOIO enoa / Creative Europe Programme of the European Union
e Programa Tax Shelter do Governo Federal da Bélgica



enoa



Sobre “Zelle”

Como será estar num lugar sem sentido ou simbologia? Um lugar onde não vemos a nossa imagem refletida nos olhos dos outros? Como é que nos sentimos quando entendemos a realidade como uma percepção de muitas vozes e personalidades que vivem na nossa própria mente? Em *Zelle: wenn es dunkel wird*, da compositora e diretora artística sino-britânica Jamie Man, temos um vislumbre deste estado especial de existência.

Para a sua nova ópera de câmara, Jamie Man trabalhou sobre um texto poético do autor e libretista suíço Peter Stamm. O enredo desenrola-se numa região montanhosa durante o inverno. Uma mulher, suspeita de ter matado os próprios filhos, é encontrada numa pequena cabana no topo das montanhas, sozinha. Uma investigadora interroga a mulher; não obtém respostas e dá por si a refletir sobre o seu próprio estado de espírito. O diálogo entre as duas mulheres é um elemento central do espetáculo. No entanto, a narrativa não é simplesmente apresentada ao público. Uma voz descreve o contexto em concreto, enquanto o espectador é imerso na atmosfera surreal e sombria onde surgem vários personagens desconhecidos.

Esta atmosfera alienante faz a história desmoronar-se. *Zelle* cria uma experiência opressiva e misteriosa. Sem mensagem concreta e sem intérpretes de uma história predelineada e colocada em música como numa ópera clássica. Jamie Man constrói

as expectativas do espectador de ópera, para logo de seguida as derrubar. A tensão entre a criação e o desaparecimento das expectativas faz de *Zelle* um mundo de sonho na ténue fronteira entre facto e ficção.

Nela, o espectador contacta com o estado mental da entrevistada (interpretada por Ryoko Aoki), cuja imaginação, história de vida e sonhos são centrais. Ela procura alcançar a claridade na confusão dos seus pensamentos. A sua experiência simboliza as profundezas insondáveis da mente humana. A interpretação arrasta o público para a sua realidade distorcida de uma forma sensorial intensa.

Com um cenário enevoadado e chuvoso, o público é imerso num banho sónico de sons ruidosos e agudos. Este som é entrelaçado com uma voz gutural, uma voz feminina com o âmbito de um barítono, e um contratenor masculino. Esta combinação atípica de sons, juntamente com o design de luz, opressivo e escuro, de Ezra Veldhuis, desperta sentimentos de alienação “lynchianos”. Quanto mais a *performance* progride, maior o mistério. Os diálogos fragmentam-se, os personagens mudam de género inexplicavelmente e surgem mais perguntas do que respostas. Os símbolos perdem o seu significado. O nevoeiro adensa-se. A clareza desvanece-se. O que resta é uma percepção assombrosa de vozes repetitivas, simbolizando os diferentes “eus” nas nossas mentes e as contradições da vida quotidiana.

Jamie Man

Jamie Man 文珮玲 (Londres, 1987) é uma criadora de obras principalmente focadas na música e no mistério poético daquilo que somos. *Body Language* (LOD muziektheater, 2014) e *PLAY: Episodes in Subspace* (Fundação Calouste Gulbenkian, 2016) foram as suas primeiras obras a explorar vividamente a natureza do masoquismo e a violência do olhar voyeurístico. Estas tentativas de “esculpir” uma música capaz de atravessar planos materiais e imateriais lançaram as fundações para muitos dos trabalhos que se seguiriam, incluindo *Shi* (2017), *Geburt* (Berlim, 2019) e uma série contínua de obras intitulada *Outrenoir*. Inspirada nas telas escuras e sombrias do artista francês Pierre Soulages, cada obra é uma instalação-performance que explora

as diferentes formas de perscrutar a escuridão. *Outrenoir I: A reflection* foi criada para o Ensemble Xenon (Berlim, 2018), *Outrenoir II: Appetitus*, para o London Symphony Orchestra Soundhub (2019) e *Outrenoir III: The Little Death*, para as San Francisco Symphony Soundbox Series (2022). *Connaissez-vous le cri du Chocard?*, para orquestra, luz e escuridão, foi encomendada pela Orquestra de Câmara de Paris e pelo Théâtre du Châtelet (Paris) em 2020, com o apoio do fundo franco-britânico Diaphonique. Jamie Man foi compositora incorporada do Mahogany Opera Group (2013-15), Artista em Residência eno no LOD muziektheater (2018), “Soundhub Composer” com a London Symphony Orchestra (2018-2019) e é membro do projeto Sonotomia da UE.

MECENAS PRINCIPAL GULBENKIAN MÚSICA				
 BPI		 Funda��o "la Caixa"		
MECENAS EST��GIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA	MECENAS CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA	MECENAS CONCERTOS DE DOMINGO	MECENAS CICLO DE PIANO	MECENAS ORQUESTRA GULBENKIAN
 VIEIRA DE ALMEIDA	 STONE	 SANTA CASA Associa��o de Santa Casa, Red Room Creative	 pwc	 Brisa 

GULBENKIAN.PT

De acordo com o compromisso da Funda  o Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa    impresso em papel reciclado e certificado pela Fedrigoni.